

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: JAN ŠVANKMAJER, O**  
**SURREALISTA**  
**CURTAS JAN ŠVANKMAJER – PROGRAMA 3: ARS LONGA**  
**3 e 5 de maio de 2023**

**J.S. BACH – FANTASIA G-MOLL / 1965**  
(“*J. S. Bach: Fantasia em Sol Menor*”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Argumento e Design de Produção: Jan Švankmajer / Produção: Zdenek Novák / Música: Jirí Strejcovský / Direção de Fotografia: Svatopluk Malý / Montagem: Milada Sádková / Música, Jirí Ropek Cópia: 35 mm, a preto e branco, sem diálogos / Duração: 8 minutos / Estreia mundial: Maio de 1965, Festival de Cinema de Cannes / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**ZVAHLAV ANEB SATICKY SLAMENÉHO HUBERTA / 1971**  
(“*Jabberwocky*”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Design de Produção: Jan Švankmajer / Argumento: Jan Švankmajer, adaptando Lewis Carroll / Produção: Erna Kmínková, Marta Sichová, Jirí Vanek / Música: Zdenek Liska / Direção de Fotografia: Boris Baromykin / Montagem: Helena Lebdusková / Departamento de Animação: Vlasta Prospísilová / Cópia: 35 mm, a cores, sem diálogos / Duração: 12 minutos / Estreia Mundial: Julho de 1994, Festival Internacional de Karlovy Vary, República Checa / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**ZÁNIK DOMU USHERÚ / 1982**  
(“*A Queda da Casa Usher*”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Design de Produção: Jan Švankmajer / Argumento: Jan Švankmajer, baseado num conto de Edgar Allan Poe / Música: Jan Klusák / Departamento de Animação: Bedrich Glaser, Jan Švankmajer / Narração: Petr Cepek / Cópia: 35 mm, a preto e branco, falado em checo com legendagem eletrónica em português e em inglês / Duração: 15 minutos / Estreia Mundial: Junho de 1982, Festival de Cinema de Krakow / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**DON SAJN / 1971**  
(“*Don Juan*”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Argumento, Design de Produção, Animação: Jan Švankmajer / Produção: Josef Soukup / Música: Svatopluk Malý / Montagem: Milada Sádková / Voz: Frantisek*

Filipovský / *Cópia*: 35 mm, a cores, falado em checo com legendagem eletrónica em português e em inglês / *Duração*: 30 minutos / *Estreia Mundial*: Outubro de 1971, f1, Festival Internacional de Mannheim-Heidelberg / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

**OTRANSKÝ ZÁMEK /1977**

(“O Castelo de Otranto”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Design de Produção*: Jan Švankmajer / *Argumento*: Jan Švankmajer, adaptando romance de Horace Walpole / *Produção*: Marta Sichová / *Música*: Zdenek Liska / *Direção de Fotografia*: Jirí Safár / *Montagem*: Helena Lebdusková / *Departamento de Animação*: Karel Chocholín, Xenie Vavrecková / *Interpretações*: Milos Frýba, Jaroslav Vozáb / *Cópia*: 35 mm, a cores, falado em checo com legendagem eletrónica em português e em inglês / *Duração*: 17 minuto / *Estreia Mundial*: 1977, Checoslováquia / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

**LEONARDŮV DENÍK / 1972**

(“O Diário de Leonardo”)

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Argumento*: Jan Švankmajer / *Produção*: Jirí Vanek / *Música*: Zdenek Liska / *Montagem*: Helena Lebdusková / *Design de Produção*: Vladimír Kládva / *Cópia*: 35 mm, a cores, sem diálogos / *Duração*: 10 minuto / *Estreia Mundial*: Maio de 1974, Festival de Cinema de Cannes / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

**HUGH CORNWELL: ANOTHER KIND OF LOVE / 1988**

*de Jan Švankmajer*

*Realização, Argumento, Design de Produção*: Jan Švankmajer / *Produção*: Jaromír Kallista / *Música*: Hugh Cornwell / *Montagem*: Marie Zemanová / *Direção Artística*: Svetlana Glaserová, Veronika Hrubá / *Som*: Ivo Spalj / *Departamento de Animação*: Bedrich Glaser / *Participação*: Hugh Cornwell / *Cópia*: 35 mm, a cores, sem diálogos / *Duração*: 4 minuto / *Estreia Mundial*: vídeo musical, feito para televisão, mostrado pela primeira vez no Reino Unido em 1988 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca*.

*Duração aproximada da projeção*: 96 minutos.

\*\*\*

*Baby, baby, welcome to my world  
It ain't, baby, like no other world.*

Hugh Cornwell, tema *Another Kind of Love*, do album *Wolf* (1988)

Gosto de ver as curtas-metragens de Jan Švankmajer não forçosamente como “apenas” o campo de treinos para as suas longas-metragens, mas como um território onde o animador checo consolidou o seu universo, firmando uma espécie de constelação de referências. A influência histórica e política do surrealismo é a mais evidente e citada, mas há vários diálogos estabelecidos pelo realizador com autores de outras latitudes formais ou estilísticas: Edgar Allan Poe e Lewis Carroll, por exemplo, são escritores “de cabeceira” e o que se ensaia aqui é, desde logo, uma tentativa de atualizar a sua visão do mundo através do universo idiossincrático do próprio Švankmajer, privilegiando, claro, o *medium* da animação. As intrigas fantásticas e terríficas casam com os desenhos/estudos de Leonardo da Vinci, com o apetite especial por histórias trágicas ou sangrentas, de Horace Walpole ou adaptando a lenda de Don Juan. E a juntar as pontas da sessão está a música – a musicalidade é mais da ordem das imagens, as quais não raras vezes se moldam ao ritmo de um tema musical qualquer. Aqui, neste programa, Švankmajer começa com “a música de Deus”, de Johann Sebastian Bach, e termina, em modo MTV, com um vídeo musical de Hugh Cornwell, um trabalho de encomenda que não tem sido reconhecido pelo próprio Švankmajer como parte da sua filmografia oficial, mas cuja inventividade e energia *pop* permitem entender melhor o impacto da arte deste realizador no campo do vídeo, da televisão e da música contemporânea.

Em **J.S. Bach Fantasia g moll/“J. S. Bach: Fantasia em Sol Menor”**, Švankmajer converte em imagens não tanto o sentido da música sacra de Bach, tal como tocada por um organista, mas os efeitos (uma certa poética) sobre o lugar em ruínas onde se dá este concerto misterioso. Paredes, portas, janelas, grades, tudo o que aprisiona se agita face à música barroca de Bach, parecendo Švankmajer ser sensível ao desafio de tornar concreto – verdadeiramente visível, mas também textural, quase táctil – o que é da ordem do intangível ou inefável. E naturalmente que há o tema do sagrado, um dos mais dominantes na obra deste leitor atento de Marquês de Sade. O desafio continua a ser de monta no filme seguinte: como interpretar áudio/visualmente o poema *non-sense* dito na sequência do clássico de Lewis Carroll *Alice in Wonderland*, *Alice Through the Looking Glass*? Partindo do texto concreto original, o cineasta checo investe no seu verdadeiro arsenal de técnicas de animação *stop-motion*, sendo grande a tentação de vermos esta curta-metragem, **Zvahlav.../“Jabberwocky”** como prelúdio da sua primeira – e ainda hoje justamente mais reverenciada – longa-metragem, **Něco z Alenky/“Qualquer Coisa de Alice”** (1988): um armário repleto de brinquedos é a fonte inesgotável de materiais nesta delirante “orgia” em que elementos inertes, provenientes do universo da infância, se digladiam e devoram entre si – há ainda a presença de um gato que vem interromper, de quando em vez, o feitiço animista e adiar a conclusão de um labirinto intrincado que teima em não ter fim ou uma solução (neste filme, como noutras curtas-metragens do realizador, é inevitável vermos “programas” que visam a formação de um olhar capaz de aceitar sentidos não-lineares ou difíceis de explicar).

**Zánik Domu Usherú** é a primeira de duas adaptações razoavelmente fidedignas de dois contos de Edgar Allan Poe – a segunda é o extraordinário **Kyvadlo, jáma a nadeje/ “O Pêndulo, o Poço e a Esperança”** (1983), uma das mais bem sucedidas adaptações do escritor americano. Em ambos, o cineasta checo privilegia a utilização do plano subjetivo, mas nesta sua primeira adaptação o texto magnífico de Poe pontua a narrativa, ao passo que **“O Pêndulo, o Poço e a Esperança”** é uma experiência imersiva de terror como houve poucas na história do cinema. Mais literário, mas não

menos “animado”: de novo (como em **J. S. Bach**, sim), é o lugar que ganha vida, assombrado por uma história atravessada pela morte. **Don Sajn** / “**Don Juan**” é um filme de prodigiosa fusão da animação com a imagem real – verdade seja dita, é um “falso” filme de animação, já que quase tudo o que vemos se passa de facto seja no palco, seja em exteriores. Os protagonistas são marionetas de grandes dimensões e/ou atores vestidos de marionetas, os segundos prolongando para o dito exterior a intriga sangrenta e danada conjurada em palco. Se o espectador pode encontrar ressonâncias da experiência de **Zvahlav...** / “**Jabberwocky**” num filme de animação moderno como **Toy Story** (1995) – sobretudo na sequência em que ganham vida os bonecos da criança maléfica do filme – é possível que face a este **Don Sajn** / “**Don Juan**” lhe venha à memória uma obra como **Team America: World Police** (2004) de Trey Parker e Matt Stone – o registo é tudo menos paródico em Švankmajer, mas é ao nível do efeito de estranheza, produzido pela presença e interação destas marionetas vivas de grande dimensão, que podemos encontrar algumas semelhanças não despidiendas, sobretudo dada a extensão da influência de Švankmajer no cinema, nomeadamente o de língua inglesa, e não apenas o de animação.

Levando o jogo de influências mais longe: e o que dizer do dispositivo do falso documentário, ou *mockumentary*, presente no virtuoso **Otrantský zámek** / “**O Castelo de Otranto**”, ou da sua animação *cut-out* interpolada com imagem real, em jeito de reportagem televisiva? Podíamos tentar associar, através de um filme verdadeiramente *sui generis*, nomes tão díspares como Peter Watkins e Terry Gilliam (este que procuraria adaptar ao cinema “o inadaptável” poema de Lewis Carroll, em **Jabberwocky** [1977]), mas estamos aqui num universo hiper complexo, ao nível da forma e do conteúdo, que soma camadas sobre camadas de significação com base num dado texto (pertencente ao romance gótico de Horace Walpole). O filme parte da investigação de um investigador académico firmemente crente na veracidade da história fantástica, e outrossim sangrenta, narrada pelo escritor inglês. Não tardará muito até que a animação em papel extravase para o mundo real, porque aqui nem tudo é o que parece, muito menos qualquer formulação simples daquilo que é verdade contra aquilo que é ficção.

Tudo se rematerializa e reatualiza no universo glutão de Jan Švankmajer, até os desenhos com mais de 500 anos de Leonardo da Vinci – retratos humanos, estudos sobre animais, todo o tipo de máquinas ou o corpo humano. O realizador mistura imagens animadas dos desenhos de Da Vinci com imagens documentais colhidas da vida de todos os dias na Checoslováquia, alternando entre o anódino e o mais político, revelando, nas entrelinhas, o habitual espírito insurreto que anima o seu cinema. Vigora qualquer coisa de profano, na maneira como o sentido é forçado, *infiltrado*, pela montagem, à laia de um cineasta soviético (como Kulechov, por exemplo), ou como a arte e o quotidiano se cruzam, comentando-se mutuamente. E participando de um mesmo ato revolucionário que consubstancia essa junção daquilo que, até aí, estava separado ou partido.

Luís Mendonça